

Reflexões sobre o ser e o sujeito em psicanálise

Elizabeth Siqueira

Minha vivência como praticante e como supervisora tem me mostrado que nunca é demais, nem anacrônico, visitar as questões do ser e do sujeito nos Escritos de Lacan. Desde o alvorecer do seu ensino, penso os problemas da prática analítica com relação a tais questões. Por isso, me interessou rever tão importante temática com vistas a captar suas vicissitudes na direção da cura. Foi, portanto, buscando acompanhar os avatares da posição de Lacan (1936-1966) sobre o tema que decidi fazer um percurso que me permitisse detectar o recorte do conceito na sincronia da obra.

Aproveito a ocasião para esclarecer a metodologia que utilizarei para este semestre. É aquela mais proveitosa para o estudo dos "Clássicos". É o comentário linear, antecedido de uma síntese histórico-crítica e seguida de conclusões doutrinárias. Não há outro método. Lacan não se lê: executa-se, como uma partitura, nota por nota. Embora acompanhando o texto linha por linha, os comentários são livres; ora explicaremos o pensamento do autor, ora mostraremos suas fontes, ora apontaremos as leituras associadas e complementares, ora explicaremos determinados pontos com exemplos clínicos, sempre no sentido de estimular aqueles que o estudam a subjetivar ao máximo sua compreensão do texto estudado. E como não há subjetivação padronizada, meus comentários assumem um tom pessoal e informal, porém, sem prejuízo dos rigores do método e da confiabilidade das informações.

Assim sendo, já em 1936, Lacan¹ destacava que lançar mão da fala do próprio sujeito havia sido o ponto decisivo na revolução do método freudiano. A grande sacada de Freud fora entender que são os testemunhos do sujeito jogando no fluxo do seu discurso que fazem toda diferença.

Desde o início, então, Lacan se referia a sujeito e não a indivíduo ou pessoa, conforme o uso corrente preconizado na França dos anos 1930 pelos personalistas². Em resposta à crise de valores que, na época, se alastrava pela Europa, apresentaram-se com a crença em uma liberdade idealizada do homem. Responderam com um idealismo humanista, tão pouco apreciado por Lacan³, baseado no espelhismo dos exemplos e em completo desconhecimento daquilo que está para além do princípio do prazer⁴, a ponto de defenderem que "a consciência vai se libertando do *inumano* que existe em nós"⁵. Ora, essa é uma proposição que não só postula o que nega na própria medida em que afirma a presença de algo que está mais além do princípio do prazer e que atribui à consciência um superpoder libertador. A liberdade de escolha é também superestimada num verdadeiro arroubo humanista duramente criticado por Lacan, conforme acima indicado.

Ao personalismo cristão e seu lirismo idealista, Lacan⁶ opõe a impessoalidade das estruturas. E com esse ateísmo ele atravessa a areia movediça do arrebatamento humanista em direção a um realismo desmistificador: o que há é um sujeito do discurso, ou seja, do inconsciente, e seu sintoma.

Em 1945 Lacan⁷ deduz que onde aflora a angústia, é sinal de que um sujeito assumiu, por conta e risco, a formulação de uma asserção sobre si, produto de uma tomada de decisão baseada em um julgamento. Nesse ponto, ele atinge uma verdade inconsciente na qual ancora seu ser.

Somente o sujeito, e mais ninguém, pode promulgar um julgamento sobre si. Vindo de qualquer outro remetente é em

vão porque somente o sujeito pode dizer da tensão que se localiza entre o mais particular e íntimo e o mais externo de si, ao modo de uma dialética que sempre resguarda essa particularidade íntima. Assim sendo, o advento dessa asserção subjetiva é fruto de uma disputa com o outro, com o semelhante, que, embora imaginária, produz um juízo assertivo culminado por um ato que se antecipa à sua certeza, ou seja, que precipita o sujeito na direção de uma saída para o seu ser.

Lacan prossegue com o debate adentrando por um terreno claramente metafísico, ao se dar conta de que "o sujeito não reconhece suas próprias produções como sendo suas"⁸. É nesse contexto de desconhecimento que ele aborda o caráter metafísico da loucura, na medida em que a mesma é inseparável da questão da linguagem para o ser em geral, pois é de opinião que "o ser do homem não pode ser compreendido sem sua loucura"⁹, limite da liberdade e sedução do ser.

A loucura nada mais é do que uma falha aberta na essência linguajeira do humano. Isso porque há uma discordância primordial entre o Eu - essencialmente alienado - e o ser que ele representa. O sujeito enfatua da imagem acredita ser aquilo que não é, ou seja, a imagem do outro, e a ela se identifica e sobre ela monta seu sentimento de si. Estamos em plena versão transitivista, própria do conhecimento paranoico, na medida em que é no outro que o sujeito hipostasia o seu ser.

Essa é uma dinâmica própria do Estádio do Espelho¹⁰, responsável pela estrutura paranoica do Eu, causa da existência de uma agressividade interna ao sujeito, na medida em que determina o seu desejo pelo objeto do desejo do outro especular. É a identificação primária que estrutura o sujeito como rival de si mesmo e constitui o nó central de toda agressividade.

Nesse ponto Lacan eleva a voz e brada que a ação psicanalítica, desenvolvida na verbalização e na apreensão dialética do sentido, pode levar um sujeito a transcender essa dinâmica da agressividade constitutiva da primeira individuação subjetiva. Para ele, somente a mentalidade antidialética de uma cultura reduz ao ser do eu toda atividade subjetiva, além de parte dessa mesma cultura tender a confundi-lo com o sujeito.

Logo, Lacan deixa ver, explicitamente, o equívoco de semelhante posição e convoca os psicanalistas a esclarecerem tal engano. Indaga-os se deixarão degradar-se à contundência da experiência psicanalítica ao se deixarem enganar pela miragem da harmonia natural preestabelecida, que elimina toda e qualquer indução agressiva no sujeito em nome de conformismos sociais¹¹. Em outras palavras, isso é o mesmo que reabsorver e reintegrar o eu do homem em um bem universal e encaminhar o sujeito na direção de um objeto sem alteridade.

Lacan travou uma verdadeira guerra contra os hereges do Eu para des-psicologizar a psicanálise e arrancá-la da objetivação do ego. Voltou à primeira tópica e louvou o inconsciente, então, em desuso, relegado a segundo plano. Foi um momento combativo de Lacan, que visava indicar que o inconsciente eram os significantes que não puderam ser significados. A cura seria, então, o desbloqueio do sentido, designado por ele como dialética, uma dinâmica que visava certo número de reviravoltas e de giros na significação.

Lacan se posiciona no sentido de ultrapassar esse momento narcísico do sujeito em direção a uma transcendência do si mesmo numa sublimação normativa. Isso porque, no coração do homem dito liberado, da sociedade dita moderna, jaz a agressividade como recusa que revela seu ser de nada, sua pavorosa fissura, e é preciso reabrir o caminho do seu sentido. E, então, mais uma vez, ele

insiste no caráter dialético da ação psicanalítica que se desenvolve pela fala. Essa função supõe um sujeito que se manifeste, enquanto tal, para outro. Nesse momento, advoga que tal subjetividade não pode ser desvalorizada e vista como obsoleta, segundo os ideais positivistas da época. Ele entende que todo fenômeno de sentido implica um sujeito, e que na análise, um sujeito se dá como podendo ser produzido¹².

Fora disso, o que se tem é uma concepção behaviorista que desmerece a responsabilidade do sujeito pelo seu desejo¹³. É precisamente essa responsabilidade, a declaração do sujeito, que é visada pelo psicanalista, na medida em que sem ela jamais será alcançada a significação dialética dos álibis e das simulações em que se sustenta a realidade alienada a que dá suporte, e que é responsável pelo "delírio da bela alma filantrópica, que rechaça para o mundo a desordem que compõe seu ser"¹⁴.

A batalha de Lacan é contra a psicologia da dependência, contra a psicologia do ego, contra a relação de objeto. Ele critica todo o ideal de adaptação do ego à realidade, de maturação das pulsões e de relação harmoniosa com o objeto, todo ideal de autonomia do Eu. Concebe o objeto da psicanálise a partir do desejo e da fala, descartados pelos seus contemporâneos que estavam mais interessados nos não ditos do que nos dizeres do sujeito.

A grande diferença destacada por Lacan entre o sujeito do inconsciente, como aquele que fala, e o Eu imaginário, é que o sujeito que fala reenvia ao próprio ser enquanto desejo, ao passo que o eu não é mais do que uma imagem silenciosa, favorável ao esquecimento da falta-a-ser do sujeito produzida pela linguagem, ou seja, uma denegação da castração.

Lacan reduz o campo da psicologia ao imaginário, considerando o ego como um objeto entre outros, e dá conta do ser do sujeito que fala e do seu desejo como êxtimo à

toda satisfação. Esta reformulação do desejo, no coração de uma crítica da psicologia do ego, lhe permite reorientar e destacar o verdadeiro sentido da descoberta de Freud, ou seja, as relações do ser falante com a ordem simbólica e a reconstituição do seu sentido até o âmago da simbolização do ser. Podemos dizer que Lacan, de fato, se armou de argumentos e se rebelou contra a psicologização e a imaginarização da psicanálise, sem medo de incorrer em hipérbole.

Em 1951, ano em que começou a dar seminários na Rue de Lille, sua residência, Lacan¹⁵ apresentou o seguinte balanço: "estamos aqui ainda a amestrar os ouvidos ao termo sujeito". Esta fala denota a novidade da proposição e o não corriqueiro do seu uso, pois se assim não fosse, não haveria necessidade de treinamento. Amestrar é também um significante curioso, pois um de seus significados é domar selvagens, tornar manso um animal. Donde deduzimos que o selvagem a ser domado era uma escuta desviada das questões do sujeito para as questões do Eu imaginário, paranoico e alienado. "O ego é frustração em sua essência, não do desejo do sujeito, mas de um objeto em que seu desejo está alienado"¹⁶. Lacan é contundente quando declara que:

[...] identificar o ego com a disciplina do sujeito é confundir o isolamento imaginário com o domínio das pulsões. É expor-se, através disso, a erros de juízo na condução do tratamento, tais como almejar um reforço do ego em muitas neuroses motivadas por sua estrutura demasiadamente forte, o que é um caminho sem saída. Acaso não lemos, na pena de nosso amigo Michael Balint, que o reforço do ego deve favorecer o sujeito que sofre de *ejaculatio praecox*, porque lhe permitiria uma suspensão mais prolongada de seu desejo? Como pensar assim, no entanto, se é precisamente ao fato de seu desejo estar suspenso na função imaginária do ego que o sujeito deve a abreviação do ato, a qual a clínica psicanalítica mostra claramente estar ligada à identificação narcísica com o parceiro?

Existe, portanto, a indicação de um novo plano de escuta alicerçado no discurso do sujeito ao invés de dirigir uma atenção diferenciada aos traços mudos do comportamento, visada que enfatiza a dimensão objetal do sujeito oriunda de "um psicologismo que coisificando o ser do homem chegaria a malefícios"¹⁷.

Nesse texto, Lacan faz uma leitura primorosa do caso Dora de Freud, e nele indica as inversões dialéticas alcançadas nas quais houve uma escansão de estruturas em que a verdade se transmuta e que toca não só em uma outra compreensão das coisas, mas na própria posição do sujeito da qual seus objetos são pura produção subjetiva. Nesse ponto a transferência aparece para denotar os modos permanentes pelos quais o sujeito constitui seus objetos.

O salto epistêmico seguinte é produzido em 1953, ano de "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise"¹⁸, texto verdadeiramente magistral e revolucionário que marca uma nova era na psicanálise, a ponto de podermos falar de uma psicanálise antes e outra depois do conhecido *Discurso de Roma*.

Nele, Lacan¹⁹ deixa claro que o sujeito se constitui pela fala. A fala aparece como a verdadeira força geradora da realidade de um sujeito. Um aparelho de fala funda, mantém, modifica e reconstrói uma realidade subjetiva. A linguagem objetiva o mundo que a fala subjetiva, transformando sua permanente mutação em uma ordem coerente. Isso quer dizer que a ordem simbólica organiza a mutação desordenada da experiência. No estabelecimento desta ordem, a linguagem realiza o mundo no sentido de apreendê-lo e produzi-lo, e a fala atualiza essa eficácia simbólica da linguagem.

Por tudo isso, Lacan denomina a psicanálise de "método de desmistificação das camuflagens subjetivas"²⁰. Isso não é pouco. É, de fato, ir de encontro a todo e qualquer psicologismo centrado no poder sintetizador do ego, na

medida em que quanto mais este se elabora, mais se aprofunda no sujeito sua redução à imagem feminilizante pela qual se faz objeto na exibição do espelho. Lacan, com uma agudeza ímpar, detecta e sublinha que "o sujeito tomará por desprezo qualquer fala que se comprometa com o seu equívoco"²¹. Esse perigo é maior do que qualquer reação negativa do sujeito, porque mais do que um erro técnico é um erro ético, na medida em que retira do sujeito a oportunidade de se desidentificar de uma ilusão alienante - sua imagem especular. O sujeito assume o que foi, para se transformar no que pode ser, e não para se fixar no pior de suas certezas alienadas e algumas vezes mortíferas.

A grande arte do analista é, pelo contrário, suspender as certezas do sujeito, responsáveis, na grande maioria das vezes, por sua escassa liberdade. O que vale são as ressubjetivações, e o que interessa para esse fim são a narrativa e a verbalização do acontecimento, a fim de "fazer passar pelo verbo, construir o poema épico onde relaciona com o momento presente as origens da pessoa"²². Isso porque a representação falada presentifica e constitui o sujeito como aquele que assim foi, para desse tendo sido, extrair outro sujeito totalmente diverso em seu modo de gozar das marcas mnêmicas alojadas em seu inconsciente. Por isso, "o que ensinamos ao sujeito reconhecer como seu inconsciente é sua história"²³, ensina Lacan.

Essa história tem um sujeito que não é outro senão o sujeito do inconsciente, e esse sujeito vai bem mais além do que o indivíduo experimenta. Sua medida é a verdade que ele pode atingir. Verdade esta que não tem nada a ver com verdades metafísicas ou religiosas, mas com a verdade de sua história. É essa história do sujeito particular que uma psicanálise revela ao sujeito como seu inconsciente, e nele o seu destino.

"O homem fala porque o símbolo o fez homem"²⁴ e a descoberta de Freud é do campo das incidências no homem de

suas relações com a ordem simbólica. É equivocado pensar, como Bouvet, que:

[...] estabelecer uma teoria psicológica sem dela mostrar a articulação com as condições orgânicas, é construir sobre areia. A teoria analítica não desconsidera absolutamente o fator anatomo-fisiológico, o que permite compreender a estrutura de uma personalidade e de prever, no futuro, as possibilidades de adaptação e os possíveis desvios nas relações sociais do doente²⁵.

Esse é o postulado da teoria psicanalítica das relações de objeto, que é a uma só vez genética e dinâmica. Ele diz respeito a uma espécie de paralelismo entre o estado de amadurecimento das atividades instintuais e a estrutura do ego, ao mesmo tempo em que preconiza que o conjunto da personalidade tende a uma adaptação adequada ao mundo exterior.

É uma posição localizada nas antípodas do preconizado por Lacan e consiste muito mais um extravio do método fundado por Freud. A ênfase é posta na análise das resistências, aquela mesma que deu lugar a um desconhecimento cada vez maior do sujeito, por não compreender sua relação com a intersubjetividade da fala.

Se lembrarmos de Freud²⁶ com o Homem dos ratos, nos lembraremos também que ele não interpretou a resistência, mas escolheu entrar no jogo do sujeito. Freud, mais uma vez, se mostrou senhor de sua invenção e se serviu da resistência para acionar as assonâncias da fala e daí então implicar o sujeito em sua mensagem. Eis aqui a molda do sucesso de Freud: responder, ali, no ponto preciso à interrogação do sujeito sobre seu ser, no âmbito de uma temporalidade que lhe é própria. Ele captou o desejo do sujeito no ponto em que se apresenta como absolutamente singular, e que, atingindo a verdade do sujeito, ele o faz reconhecê-la.

Trata-se de apelar para o sujeito, de colocá-lo no jogo, porque o sujeito se constitui na busca da verdade do seu desejo. Isso é impossível de se alcançar se se fizer uma equivalência entre o eu, definido como o sistema percepção-consciência, e o sujeito da fala.

Não é isso tampouco o que propõe Michel Balint, citado por Lacan²⁷, sobre uma comunicação fantástica em que o analista ensina o sujeito a se apreender como objeto. Assim, o sujeito é transformado em isso e tem de se submeter ao ego aliado do analista. É um entendimento que se move na direção contrária do proposto por Lacan a partir de Freud, de que uma análise visa o advento de uma fala verdadeira e da realização do sujeito, de sua história em sua relação com o futuro. A aliança que se faz é com o sujeito e não com o ego dito saudável do analista padrão. O paciente acredita, em virtude da efusão narcísica proposta, haver trocado seu eu pelo do analista e isso é a prova de que o imaginário era demasiadamente valorizado na técnica que carecia de *aggiornamento*.

A servidão humana só se desfaz pela via do pacto simbólico com a palavra. Segundo Lacan²⁸, foi a experiência psicanalítica que descobriu no homem o imperativo do verbo e a lei que o formou à sua imagem, fazendo com que a realidade a ele chegasse pela fala. Não hesita, nem é tomado de falso pudor quando reconhece o caráter elevado da obra do psicanalista porquanto "funciona como mediadora entre o homem da preocupação e o sujeito do saber absoluto"²⁹. Nessa passagem ele se refere à Heidegger e o homem da preocupação, a Hegel e o saber absoluto de consenso e síntese, e indiretamente a Sartre, que muito se ocupou e se questionou sobre a questão da angústia³⁰. Caberá a Lacan a contundência da antítese.

A noção de preocupação em Heidegger, segundo Lacan, aparece vinculada ao imaginário³¹, e orientar a prática clínica nessa direção seria um retrocesso, seria direcioná-

la à pequenez de interesses adaptativos egoicos. Em outras palavras, deixaria o sujeito distanciado dos alcances da verdade do ser, limitando-o a preocupações menores do princípio do prazer, escudo protetor contra a abertura para o ser. Em termos lacanianos, quando o foco é a adaptação, o que se obtém é o afastamento do sujeito do desejo que o anima.

Sartre³², Heidegger³³ e Lacan³⁴ trataram da questão da angústia existencial. Em Sartre, a seriedade é a atitude dos que acreditam que os valores morais preexistem ao homem. Na medida que os valores só existem pelos homens, eles não vêm de Deus, como queria fazer crer a igreja católica. Ele considera a seriedade como a antítese da angústia, como uma resposta do sujeito à angústia, articulada por ele ao nada e à liberdade. É a partir da noção do nada que Sartre introduz a liberdade como possibilidade para a realidade humana secretar um nada que o isola.

A angústia surge como manifestação da liberdade em face do si mesmo e significa que o homem está sempre separado por um nada de sua essência. A angústia é, portanto, angústia do nada que se porta como possibilidade de liberdade. A vida cotidiana se organiza em função das tarefas a executar e isso nos distancia da angústia.

Sartre então introduz a seriedade ou gravidade como aquilo que nega a contingência dos valores. A angústia é aquilo que se opõe ao espírito de gravidade que apreende os valores a partir do mundo e que reside na substancialização tranquilizadora dos valores. Na seriedade, o sujeito se define a partir dos objetos. O espírito de preocupação afirma a primazia do mundo das coisas sobre o mundo subjetivo. Haveria um determinismo das coisas.

Sartre busca, com a preocupação, domesticar a angústia. Porém, é em vão, porque essa gravidade é fuga, é renúncia perante a liberdade. É uma errância para melhor

esquecer a ausência de valores objetivos, ou seja, a inconsistência do Outro. Resumindo, Sartre opõe angústia e gravidade, esta última servindo de tratamento da angústia perante a liberdade e o silêncio das coisas, que não nos orientam nem nos guiam no mundo.

Essa relação entre a angústia e a falta será retomada por Lacan³⁵ de forma inédita e singular, revolucionando as questões do ser, do sujeito e da falta-a-ser. Com Lacan, a falta não é causa de angústia, mas de desejo. E a angústia não é signo da falta, mas da presença excessiva do objeto. O desejo é definido endossando a perspectiva da falta ontológica aos efeitos de inscrição do sujeito no campo da linguagem. Ele retoma a perspectiva ontológica sartreana do desejo como desejo de ser, mas para lhe dar uma versão radicalmente inédita: é pelo viés da fala e da linguagem que esse desejo emergirá sob a forma de um buraco induzido pela demanda feita ao Outro para vir responder a essa falta. Falando, o sujeito demanda ao Outro responder à sua própria falta-a-ser que, por esse movimento, emerge como desejo para além da demanda.

Lacan³⁶ reformula a falta-a-ser existencialista como falta-a-ser, dando-lhe um sentido novo relativo à articulação significante. Ou seja, a articulação significante da falta (necessidade) na demanda (endereçamento ao Outro) faz emergir um sujeito cujo desejo define-se a partir disso que a fala não pode preencher, a partir dessa falta que é inscrição no campo simbólico.

O que Lacan se esforça por mostrar é que não há reabsorção da falta no reconhecimento. Para ele, a dependência humana não é às necessidades, mas à linguagem. Isso conduz a que no homem isso escapa a todo determinismo factual e natural, porque a relação que o homem mantém com suas necessidades já é uma relação simbólica. Essa é uma explicação estruturalista, pois pressupõe a ideia do assujeitamento do ser humano ao significante.

Para Hegel, segundo Kojève³⁷, o homem e o mundo formam uma unidade, não porque o mundo seja espírito, mas porque o homem é natureza. O homem chegará à verdadeira consciência de si pelas criações ativas, negadoras do dado, mas isso só pode acontecer no curso da história.

Essas criações ativas no curso da história levarão à tomada de consciência dessas criações pela arte, pela literatura, pela religião e levará ao saber absoluto, que não terá que ser modificado nem completado já que não haverá mais nada de novo no mundo. Esse saber descreve a totalidade do real: é a verdade total e definitiva, eterna. Para chegar a isso foi preciso completar a história e tomar consciência do seu desenvolvimento integral. Essa tomada de consciência é a fenomenologia que introduz o homem na ciência, e como tal na filosofia, que é o saber absoluto e a verdade do conjunto.

Relembramos que, segundo Lacan, o simbólico jamais poderá reintegrar a falta inerente ao processo de simbolização, porque na origem da falta-a-ser do sujeito está a dimensão simbólica. A isso nos condena o inconsciente estruturado como linguagem. A dialética foi o caminho tomado por Lacan na primeira parte do seu ensino, porém ele jamais concordou com a possibilidade de um saber absoluto.

Portanto, a obra do psicanalista mediadora entre o homem da preocupação e o sujeito do saber absoluto, oferece a Lacan um patamar de onde ele examina a formação dos analistas. Para ele, esta formação é permanente. Ele não entende como se pode fazer do próprio ser o eixo de tantas vidas quem não sabe da dialética que o compromete com essas vidas num movimento simbólico. Por isso, a análise do analista é essencial e inseparável do seu engajamento em sua prática. Posição ética irretocável, na medida em que coloca o ponto de gravidade da relação analista-analisante no campo do simbólico e não do imaginário dos espelhismos,

das identificações ou das idealizações. Que renuncie a ela quem não consegue dar ao desejo uma mediação simbólica, ou seja, discursiva. Isso porque é do lugar no qual se acolhe o discurso, que depende quem o diz, ou seja, o sujeito a quem ele dá seu crédito e sua posição. Ora, ouvi-lo a partir do eixo do imaginário especular é degradá-lo à condição de objeto intimidado e cerceado pela imagem que o cativa, numa relação narcísica alienada através da qual nele se inscreve a ambivalência da posição em que ele se identifica.

Essa é a dinâmica responsável pela agressividade na transferência³⁸, que corresponde à dilaceração do sujeito em relação a si mesmo e cujo modelo primordial ele conheceu ao ver a imagem do outro, captado na sua totalidade, antecipar-se à sua precária desarmonia motora que leva o brasão da impotência em que essa forma se modelou no Eu.

Se um analista cair na armadilha de visar o objeto do qual o eu do sujeito é a imagem - ou seja, nos traços do seu caráter -, ele se colocará na mira dos artifícios egoicos segundo os quais se modelou pelo Eu do analista numa conformidade ilusória, álibi do seu narcisismo. É evidente que isso não leva muito longe, senão a cair na armadilha da condição imaginária, signo da precária formação do analista³⁹. Esta precariedade deixará, por seu lado, o sujeito exposto e sem recursos perante a figura obscena e feroz do supereu, "hiância aberta no imaginário pela *Verwerfung* dos mandamentos da fala"⁴⁰.

Na contramão dessa posição, é pela assunção simbólica da fala que se constitui o ser do sujeito, posto que é pela lei da aliança, na qual a ordem humana se distingue da natureza, que a fala determina desde o nascimento o destino do sujeito. Se o analista deixa de ser o arcanjo, o mensageiro da fala, o sujeito não consegue mais reconhecer no que ele diz a verdade nascente de sua fala particular.

Portanto, é decisivo fazer o psicanalista interessar-se ao máximo pela linguagem e pelo que ela determina no sujeito.

As questões sobre o ser e suas paixões - amor, ódio ou ignorância - devem ser formuladas ao sujeito e não dirigidas ao ego, que é função de desconhecimento do que o constitui. Na verdade, é preciso lidar com o ego do sujeito, o que não é nada fácil. Porém, deve-se ir na direção do tipo de alteridade que interessa ao sujeito nessa existência, porque é dessa alteridade que o eu do sujeito participa. E ela diz respeito a uma relação do sujeito com o ser e não com o mundo.

Isso é de enorme importância na medida em que "o que não vier à luz do simbólico aparecerá no real"⁴¹, domínio do que subsiste fora da simbolização. Uma clínica em direção ao real vai ao encalço do que da castração foi suprimido pelo sujeito, dos limites daquilo que cessa de se escrever. Ao ser subtraída das possibilidades da fala ela aparece sem lei no real que, por si mesmo, já é sem lei, "como uma pontuação sem texto"⁴² que fala por si só na forma de alucinação. Não nos esqueçamos das verdadeiras alucinações neuróticas do ego!

Foi para um reforço da postura objetivante no sujeito que se orientou a análise da resistência. Por essa porta, entra-se no campo de um mal-entendido babélico que deságua no impasse, porque na análise das resistências, a verdade se aparenta com a morte, com o apagamento do sujeito submetido a uma dependência imaginária a um outro reeducador emocional fascinado e apegado a uma postura de sugestão bondosa incapaz de curar o mal que engendra.

A direção do tratamento é outra coisa. Ela consiste em fazer com que o sujeito, pela fala, se oriente na direção do seu desejo e nunca na direção das maneiras do ser do sujeito - que são passividade, negatividade, oposição, queixume, revolta, ataque, amor, ódio e ignorância em

relação ao Outro -, porque induzem, em contrapartida, a uma alienação forçada.

É incontornável e se impõe que se questione o que deve acontecer com o "ser" do analista, e Lacan⁴³ não se exime e o faz no texto magistral de 1958, "A direção do tratamento e os princípios do seu poder". Tratado absolutamente atual e jamais obsoleto, na medida em que postula os princípios da direção de uma análise. Nele, preconiza que quanto mais um analista estiver interessado em seu ser, tanto mais estará menos seguro de sua atuação⁴⁴.

Nos *Escritos*, o momento em que o tema é a questão do ser, o alvo principal é o analista. Poder-se-ia mesmo dizer que a questão do sujeito tem por objeto o sujeito analisante e a questão do ser, o ser do analista. Aqui, cabe a pergunta: existe um ser do analista? Alguém é um analista? Quando? Em que condições se é analista?

Vejamos com Lacan⁴⁵. Vejam, se estão de acordo comigo? Ele diz o suficiente na asserção de que "ele [o analista] faria melhor situando-se em sua falta-a-ser do que em seu ser"⁴⁶. Ou seja, um analista está tanto melhor situado quanto mais se distancie do amor, do ódio e da ignorância, e se situe na direção que o leva ao discurso do sujeito analisante. O lugar do analista é do puro desejante, daquele que está em falta. Isso quer dizer que o analista deve se abstrair, escapar na relação com seu analisante de qualquer suposição de ser desejável, porque também nele "o ser falta e é aquilo que se pode chamar de amor, ódio e ignorância. São as paixões do ser o que toda demanda evoca para-além da necessidade que nela se articula, porque o ser da linguagem é o não ser dos objetos"⁴⁷.

O objetivo de uma psicanálise orientada a partir do simbólico em direção ao real é a conquista do inconsciente, o advento da história, a reconstituição do significante e a reformulação do eu constituído em seu *status* imaginário. Esse é um campo em que o sujeito tem que pagar, sobretudo,

pelo resgate de seu desejo. Nisso a psicanálise ordena uma revisão ética.

A psicanálise subverte a questão do sujeito. Contesta a visão acadêmica e psicológica que advoga a unidade do sujeito como sujeito do conhecimento – que se coaduna com a visão hegeliana de um sujeito absoluto, perfeito, igual a si mesmo, ser de si consciente, todo-consciente, dono de um saber absoluto. Contradiz ainda o *status* do sujeito foracluído da ciência, opondo-lhe a proposição freudiana do reingresso da verdade no campo da ciência.

Reconhecida a estrutura da linguagem no inconsciente, o tipo de sujeito que podemos conceber é nada mais nada menos do que um sujeito cindido, dividido em seu ser pelo significante que o causa e depois o representa. A *Spaltung* (divisão) diz do *status* do sujeito na psicanálise.

Em 1960, começamos a encontrar os primeiros indicadores do que virá a ser, a partir dos anos 1970, o *falasser*. Observem essa passagem: “Pelo fato do ser falar, a linguagem assegura uma margem para além da vida. É aquela em que esse ser investe na posição de significante o próprio corpo. O corpo é o pivô do ser”⁴⁸.

Em 1963, em “Kant com Sade”, Lacan deixou claríssimo que o ser do sujeito é o corpo. “Ser carnal”⁴⁹, servo do prazer, prenhe de vontade de gozo. Ele não fala nem de prazer, nem de homeostase, mas de vontade de gozo que faz do sujeito um objeto como ser-aí, estranhamente separado do princípio do prazer, a lei do bem-estar que submeteria o sujeito a uma relação constante com o prazer que limita o ser vivo e suas necessidades.

Mas, “de onde provém esse ser que aparece como faltando no mar dos nomes próprios?”⁵⁰, em virtude de a estrutura significante deixar o sujeito carente de ser e onde só pode se achar na fixação do seu nome de gozo.

O nome próprio é incapaz de dizer se se trata de um ser vivo ou morto. O nome de gozo é o único capaz de

designar o ser faltando no mar dos nomes próprios. É o nome que fala do modo como cada um goza dos restos vistos ou ouvidos, armazenados no inconsciente, que marcam o corpo como um acontecimento e não como mensagem, mostrando, desta forma, que nem tudo é simbolicamente mortificado pelo significante⁵¹.

É um nome que designa algo do gozo do Outro do qual o sujeito se fez objeto e que tem efeitos no corpo. Corpo sede do gozo, impossível de domesticar ou controlar, e que nos angustia e afeta. O nome de gozo é um significante especial, parceiro êxtimo do sujeito, algo que sem lhe ser idêntico, lhe é central, como exterioridade íntima, ao mesmo tempo central e periférica.

A partir daqui já se adentra no campo do gozo, conforme proposto por Lacan no seminário *Mais, ainda*. Gozo como "aquilo que não serve para nada"⁵² e que se aloja no corpo próprio como alteridade radical.

A partir de então, Lacan nos ensina que a linguagem nunca foi a única morada do ser falante. O corpo como lugar de gozo lhe faz concorrência, lhe faz face e mostra que a palavra já não doma, como se pensou de início, mas instiga o consumo, inclusive do corpo.

Portanto, gostaria de deixar sublinhado que a partir da década de setenta, Lacan se utiliza do termo *falasser* quando quer marcar a junção do sujeito com o gozo do corpo. A partir de então, estamos no terreno de uma clínica que inclui o real, uma clínica para ele orientada, a partir do momento em que a prática organizada exclusivamente a partir das formações do inconsciente se mostrou insuficiente. Um limite fora alcançado, e a partir dali o real em jogo na clínica teve que fazer parte da equação.

No aparelho psíquico, a pulsão é a expressão desse real. Extrair saber a partir da pulsão passou a ser função do psicanalista. Diante desse impasse, a psicanálise se mostrou carente de um novo paradigma que pudesse

efetivamente dar conta dos ataques da pulsão acéfala por natureza.

Diante da precariedade das ficções simbólicas e da falta de ideais, a psicanálise trabalha para produzir sintomas. Ali onde o Outro aparece como mau, como gozador, nossa questão é tratar de maneira diferente dos discursos que medicam, encarceram ou alimentam o gozo do sentido.

A clínica psicanalítica que se orienta para o real, como impossível e contingente, busca encontrar em cada caso sua possibilidade inventiva, ou seja, a solução possível. Por isso, não somos nem idealistas, nem sanitaristas, nem utilitaristas, nem psicotécnicos, nem neopositivistas e muito menos técnicos de segurança que pretendem determinar ideais genéricos, aos quais se deve assentir em nome de uma objetivação científica.

O que fazemos é acompanhar e secretariar as soluções singulares de cada *fallasser*. Aqui, se localiza o desejo do psicanalista como polo antitético à tendência *prête-à-porter* consumista, insaciável, contemporânea. Mais, ainda, ordem de ferro, obscena, de um superego glutão que jamais se sacia nem de gozo, nem de sujeição, em sua necrofilia perene. É esse o desafio que nos propõe, como psicanalistas, a época, que tal qual uma esfinge nos desafia: "Decifrem-me ou lhes devoro".

Finalizando, diria que Lacan também teve sua esfinge, seu desafio, o de dar uma resposta mais convincente à questão do humano do que as respostas humanistas, personalistas, behavioristas. E ao seu modo inventou suas respostas não-todas. Cabe, então, a cada um de nós tentar esboçar sua resposta à esfinge contemporânea da avaliação, calcada em concepções utilitaristas que se valem para isso de uma psicotécnica que exige um máximo de rendimento para todos numa verdadeira prática de eugenia.

-
- ¹ LACAN, J. (1998[1936]). "Para-além do 'Princípio de realidade'". In: *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., pp. 77-95.
- ² MOUNIER, E. (1974). *O personalismo*. Santos: Martins Fontes.
- ³ LACAN, J. (1998[1966]). "A ciência e a verdade". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 869-892.
- ⁴ FREUD, S. (1979[1920]). "Além do princípio do prazer". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. XVIII. Rio de Janeiro: Imago Editora.
- ⁵ MOUNIER, E. (1974). *O personalismo*. Op. cit., p. 21.
- ⁶ LACAN, J. (1998[1936]). "Para-além do 'Princípio de realidade'". In: *Escritos*. Op. cit.
- ⁷ IDEM. (1998[1945]). "O tempo lógico e a asserção de certeza antecipada. Um novo sofisma". In: *Escritos*. Op. cit., p. 207.
- ⁸ IDEM. (1998[1946]). "Formulações sobre a causalidade psíquica". In: *Escritos*. Op. cit., p. 166.
- ⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 177.
- ¹⁰ IDEM. (1998[1936]). "O estádio do espelho como formador da função do eu tal como nos é revelado na experiência psicanalítica". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 96-103.
- ¹¹ IDEM. (1998[1948]). "A agressividade em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit., p. 121.
- ¹² IDEM. *Ibidem*, p. 105.
- ¹³ IDEM. (1998[1950]). "Introdução teórica às funções da psicanálise em criminologia". In: *Escritos*. Op. cit., p. 140.
- ¹⁴ IDEM. (1998[1948]). "A agressividade em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit., p. 117.
- ¹⁵ IDEM. (1998[1951]). "Intervenção sobre a transferência". In: *Escritos*. Op. cit., p. 241.
- ¹⁶ IDEM. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit., p. 251.
- ¹⁷ IDEM. (1998[1951]). "Intervenção sobre a transferência". In: *Escritos*. Op. cit., p. 216.
- ¹⁸ IDEM. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 238-324.
- ¹⁹ IDEM. *Ibidem*, p. 240.
- ²⁰ IDEM. *Ibidem*, p. 242.
- ²¹ IDEM. *Ibidem*, p. 251.
- ²² IDEM. *Ibidem*, p. 256.
- ²³ IDEM. *Ibidem*, p. 263.
- ²⁴ IDEM. *Ibidem*, p. 278.
- ²⁵ BOUVET, M. (1956). "La relation d'objet". In: *La psychanalyse d'aujourd'hui*. Paris: Presses Universitaires de France, p. 43. "[...] établir une théorie psychologique sans en montrer l'articulation avec des conditions organiques, c'est construire sur sable. La théorie analytique ne néglige nullement le facteur anatomo-physiologique et elle permet comprendre la structure d'une personnalité et de préjuger dans l'avenir des possibilités d'adaptation et les possibles viciations des relations sociales du malade".
- ²⁶ FREUD, S. (1976[1909]). "Notas sobre um caso de neurose obsessiva". In: *Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud*, vol. X. Op. cit.
- ²⁷ LACAN, J. (1998[1953]). "Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise". In: *Escritos*. Op. cit., p. 306.
- ²⁸ IDEM. *Ibidem*, p. 323.

-
- ²⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 322.
- ³⁰ IDEM. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 16.
- ³¹ LÓPEZ, H. (2004). *Lo fundamental de Heidegger em Lacan*. Buenos Aires: Letra Viva.
- ³² SARTRE, J.-P. (2012). *O ser e o nada*. Petrópolis: Vozes.
- ³³ HEIDEGGER, M. (1998). *Ser e Tempo*. Petrópolis: Vozes.
- ³⁴ LACAN, J. (2005[1962-1963]). *O seminário, livro 10: a angústia*. Op. cit.
- ³⁵ IDEM. *Ibidem*.
- ³⁶ IDEM. *Ibidem*.
- ³⁷ KOJÈVE, A. (2002). *Introdução à leitura de Hegel*. Rio de Janeiro: Eduerj, p. 39.
- ³⁸ LACAN, J. (1998[1955]). "Variantes do tratamento-padrão". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 325-364.
- ³⁹ IDEM. *Ibid.*, p. 359.
- ⁴⁰ IDEM. *Ibid.*, p. 362.
- ⁴¹ IDEM. (1998[1954]). "Resposta ao comentário de Jean Hyppolite sobre a 'Verneinung' de Freud". In: *Escritos*. Op. cit., p. 390.
- ⁴² IDEM. *Ibidem*.
- ⁴³ IDEM. (1998[1958]). "A direção do tratamento e os princípios do seu poder". In: *Escritos*. Op. cit., pp. 591-652.
- ⁴⁴ IDEM. *Ibid.*, p. 593.
- ⁴⁵ IDEM. *Ibidem*.
- ⁴⁶ IDEM. *Ibid.*, p. 596.
- ⁴⁷ IDEM. *Ibid.* p. 633.
- ⁴⁸ IDEM. (1998[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In: *Escritos*. Op. cit., p. 817.
- ⁴⁹ IDEM. (1998[1962]). "Kant com Sade". In: *Escritos*. Op. cit., p. 784.
- ⁵⁰ IDEM. (1998[1960]). "Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano". In: *Escritos*. Op. cit., p. 834.
- ⁵¹ SIQUEIRA, E. R. A. (2014). *Corpo escrito: um estudo psicanalítico sobre nomeações e marcas corporais*. Curitiba: Juruá, p. 62.
- ⁵² LACAN, J. (1985[1972-1973]). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., p. 11.